

DA ARQUITECTURA PARA A ESCULTURA A TERRA COMO UMA BUSCA DE SENTIDOS

Virgínia Fróis

CIEBA - Centro de investigação e de Estudos em Belas Artes da Faculdade de Belas Artes da
Universidade de Lisboa / Secção de Investigação e de Estudos em Ciências da Arte e do
Património – Francisco de Holanda/ Escultura Cerâmica
Largo da Academia Nacional de Belas-Artes 1249-058 Lisboa, Portugal
Tel: (+351) 21 3252100 - Fax: (+351) 21 3470689; Site: <http://www.fba.ul.pt>
E-mail: virginiafrois@gmail.com

Tema 1: Arqueologia, Arte e Antropologia

Palavras-chave: Arquitectura, terra, escultura.

Resumo

Na escultura deste o neolítico até aos nossos dias que a Terracota é matéria para a criação de objectos simbólicos. No entanto, a terra crua raramente é utilizada como matéria final de peças de escultura. Alguns exemplos são o Busto masculino (2500-2300 a.c.) Arte Persa/KIRMAN do Irão. É no século XX, que os artistas se voltam a interessar pela terra como matéria construtiva e simbólica. São exemplos dessas práticas: Nicola Hichs , Antony Gormeley, Charles Simonds, Guiseppe Penone ou Gabriel Orozco.

Recentement, no III Simpósio de Escultura em Terra(cota)- Habitar, realizado em 2001 em Montemor-o-Novo pela Associação Oficinas do Convento com escultura de grande escala, são experimentadas as tecnologias tradicionais de construção em terra, como é o exemplo, a escultura “Para percorrer” da autoria do escultor Pedro Fazenda.

Neste momento no campo da arte contemporânea existe interesse pelas intercepções entre diferentes disciplinas, arqueologia, antropologia e arquitectura, assim como pela apropriação de antigas formas do fazer.

O objecto desta comunicação é a apresentação de um exemplo de intercepção da escultura com a arquitectura contemporâneas, dos seus conceitos e das suas interacções com o legado histórico da ordem de Cister. Uma reflexão sobre o tempo e os processos técnicos e do querer da matéria.

Serão abordadas as relações entre arquitectura e a escultura num caso concreto: a peça “Murmur” realizada para a exposição “E.vocações” no Mosteiro de Alcobaça em Portugal na galeria de exposições temporárias no ano de 2003.

Nesta peça um dos seus elementos é uma “Porta” em terra crua. Teve como referência o Altar da morte de São Bernardo, conjunto escultórico em terracota realizado pelos monges de Cister no século XVII.

“...a cada ser da terra está prometida uma transformação que só a terra permite, a ultrapassagem dos seus próprios limites à procura do limiar, e o reconhecimento da sua transcendência.”...

...“fundir-se em todos os momentos com o todo” (CALVINO, 1990, 47)

1. A ARQUITECTURA

O projecto de reabilitação deste espaço é da autoria do arquitecto Gonçalo Byrne, que retomou o sentido da claridade e a ideia de transcendência presentes na arquitectura inicial da abadia.

Assim na Galeria de exposições temporárias na ala sul o branco das paredes e do chão reflectem a luz e modelam o espaço exaltam o silêncio.

Nesta ala apenas uma parede sem reboco revela os métodos construtivos e os seus construtores. É uma parede meia com uma cisterna ou tanque de banhos. Simboliza a origem e a fundação deste Lugar.

2. AS ESCULTURAS

2.1 Altar da Morte de São Bernardo



Fig.1 - Altar da morte de São Bernardo (créditos Virginia Frois)

O altar da “Morte de S. Bernardo” (Fig.1) situado no braço sul do transepto da igreja foi realizado por uma equipa de monges. A modelação das esculturas teve início em 1687 e o altar foi terminado em 1705. Este altar foi vandalizado nas invasões francesas. No século séc.XIX foi restaurado pelos monges, que taparam os orifícios de ventilação das figuras provocando com isso a acumulação da humidade no interior das esculturas, uma vez que a superfície policromada impedia a evaporação. Esta situação foi agravada pelo facto do corpo cerâmico das peças ser cozido a baixa temperatura de forma irregular. Deste facto resultou um corpo escultórico cru no seu interior, e uma resposta da matéria: a escamação da superfície e a consequente erosão de partes deste grupo escultórico.

É este retorno do corpo da escultura à terra (Fig.2) que me vai interessar no primeiro momento, seguido pelo tema do altar, a Entronização de S. Bernardo. A figura da Virgem recebe-lhe a alma, ela é uma passagem, uma porta para o divino no sentido do retorno à matéria universal.

Podemos falar desta virgem como de CERES, a deusa das colheitas, a mãe terra que germina e transforma.



Fig.2 - Mosteiro de Alcobaça, interior (créditos Virgínia Frois)

2.2 Murmur

Memória descritiva / instalação no espaço

1 Porta branca

Uma porta de terra branca e trigo
atravessada por um aquário cheio de sal e água
com a altura de um homem.
Evocação interior, geológica

Portas brancas guardam os murmúrios do tempo
O silêncio e a luz.
A instalação

2 Antecâmara

O som da água subterrânea.
O enunciado: uma fotografia sem contraste do monge da Morte de S. Bernardo, numa redoma
um fragmento da escultura dos anjos músicos

3 Passagem

Nas escadas, a passagem.
No tecto sob a luz, uma frase de S. Bernardo
Evocação da vida e da morte

“... Amor, logo que retorna ao princípio logo que regressa à sua origem vai sempre beber à sua própria fonte as águas que transforma na sua corrente”
S. Bernardo, XXVII sermão sobre o cântico dos cânticos

4 Reservatório

Na cisterna, uma porta de cera virgem sela o reservatório
No interior o murmúrio,
Sons das águas profundas, espaço.
Escutar

2.3 Porta de terra branca

A peça Murmur é uma instalação que jogou com o espaço e com a luz e com as ideias de ressonância, transmutação e entronização. Na galeria, as portas alongam-se para a luz; as paredes e o chão são brancos.

Desenvolve-se em quatro espaços contínuos do lado direito da galeria em espaços de passagem. Ao fundo das duas salas pequenas vê-se a parede sem reboco, onde hoje podemos mergulhar nos processos construtivos, da construção de há 850 anos. Esta é antecedida por uma porta alta com se fosse uma moldura. Por de trás desta parede existe a cisterna ou tanque de banhos, nesta parede de terra a humidade permite o nascimento de algumas avencas indiciando o outro lado e é como uma referência geológica do edifício. O meu trabalho foi a reposição do branco nesta parede de fundo.

A peça criada, uma porta em terra branca (Fig.3), a porta adoçada à parede com a dimensão da “moldura”, situa-se à distância de cerca de 50 cm desta parede sobrepondo-se e dando-lhe um significado.



Fig.3 – Peça MURMUR, porta de terra branca. (créditos Virgínia Frois)

2.3 Modelação/Germinação

A porta branca foi modelada com uma pasta húmida de caulino (Figs.4 e 5), sílica palha e espigas de trigo, compactada em rolos e tem 10 cm de espessura, 500 cm de altura e 150 cm de largo. Um aro de latão idêntico ao das portas do edifício estrutura a peça.

Um aquário paralelepípedo de base quadrangular de 20cm de lado por 1,70m altura, cheio de sal-gema até aos ombros (1,50m) e de água até cima, configurando um cubo de água, como uma lupa ampliava a parede inicial como uma “coisa” geológica e intemporal.

Ao longo do tempo da exposição, neste espaço sombrio e húmido rasgado pelo sol, as sementes nas espigas de trigo germinaram da terra branca, cresceram e morreram na impossibilidade de dar semente.



Figs.4 e 5 – A construção e modelação da peça MURMUR (créditos Virginia Frois).

3. Anel

“Escondido debaixo da língua o anel aguarda imóvel o mergulho” (Calvino, 1990, 47)



Fig.6 – Peça o ANEL (créditos Virginia Frois).

Um anel de terra branca e trigo
No interior envolvendo o vazio, latão polido.
Do fresco da argila a probabilidade da germinação,
a certeza da secura.
Do tempo,
o fósfil.

Bibliografia

Calvino, Italo (1990). Seis propostas para o próximo milénio. Lisboa: Teorema.

Molder, Maria Filomena (2005). O absoluto que pertence à terra. Viseu: Edições Vendaval.

Notas

“Temos aqui uma irrupção do “absoluto que pertence à terra”, esse conceito brochiano que dá conta do esforço de reconduzir todos os movimentos internos e externos do corpo a uma elevação metafísica e que é extensível a todos os corpos habitando na terra. Sendo assim, a cada ser da terra está prometida uma transformação que só a terra permite, a ultrapassagem dos seus próprios limites à procura do limiar, e o reconhecimento da sua transcendência.”....
“fundir-se em todos os momentos com o todo” (Molder, 2005, 157).

Curriculum

Virginia Frois. Escultora e Docente no curso de Escultura da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (FBA.UL) desde 1989. Fundou em 1996 a Associação Oficinas do Convento em Montemor-o-Novo/Projecto do Telheiro. Investigação plástica no âmbito das tecnologias da terra/cerâmica e da Etnocerâmica /Cabo Verde. Dirigiu a recuperação de Esculturas em Terracota - Mosteiro de Alcobaça onde participou na exposição E.vocações